

Mariotte Rebello

Julho - 1985

As velhas casas de fazenda guardam uma fisionomia comum, adaptadas às necessidades rurais ao longo dos 200 anos de vivência no Piauí, ou mais 2 séculos se contado o tempo de colonização portuguesa no Nordeste.

São casas amplas, alpendres em quase toda a volta, as ^{grossas} paredes divisórias dos quartos nunca chegando até o tecto, de modo que a voz se propagava fácil a todas as dependências sem guardar os segredos contados alto em qualquer parte.

Esse tipo de parede divisória, a falta de ferro, os alpendres baixos, o telhado com inclinações mais pronunciadas nos cordões de cumieiras, provocavam uma ventilação constante, refrescante da modorra quente nas horas de sol a pino dos dias de verão, sugando para dentro de casa o ar fresco e úmido da floresta próxima.

A casa de fazenda do Olho D'água dos Pires, construída entre 1843 e 1845, é exemplo desses cuidados, revela inovações incomuns e a grandiosidade de concepção dos seus projetistas, a criatividade e a experiência dos construtores. Tudo é amplo. Portas, quartos, alpendres. Cercado "U" de alpendres, rodeada de mangueiras e árvores enormes, tem um frescor constante no seu interior. Ela era a sede de uma fazenda de gado e plantio de algodão, com muitos escravos, cujos descendentes hoje são fisionomicamente parecidos, talvez pelas uniões consanguíneas sucessivas.

As portas largas, em todos os quartos, faziam a facilidade de vigilância das senhoras patroas, devassando de longe, desde o alpendre, a cozinha e outras dependências, à excessão da camarinhá, lugar resguardado da curiosidade, da luz e da bisbilhotice dos empregados domésticos. Era ali que se recolhiam os doentes de quarentena, as parturientes nos seus resguardos decorados e as "crianças de peito", livres das correntes de ar perigosas.

Esta casa de fazenda foi muito bem construída pelos serviçais e escravos, uma relíquia bem preservada pelos proprietários, herdeiros dos Souza Pires, descendentes de Mariano de Carvalho Castello Branco, casado com Rosa Pires Ferreira.

Há vários armários-embutidos, concebidos pelos primeiros donos

ou invenção não difundida no Piauí do Império.

Dobradiças, fechaduras, ferrolhos e peças outras de ferro, foram trabalho de escravo artesão, hábil no manejo da forja e da bigorna; as portas, janelas e armários-embutidos, construídos de tábuas grossas de 3 dedos, por certo madeira apanhada nas redondezas, atestam a habilidade do trabalho na enxó, armando^{se} as peças com encaixe e cavilha.

Original o registro gravado em 10 % das telhas coloniais: - ora o nome Rosa Pires Ferreira, ou Mariano de Carvalho Castello Branco; ora figura geométrica, ou a marca do ferro de gado, ou a lua, etc; ora a data de queimada daquela formada de telhas do século XIX.

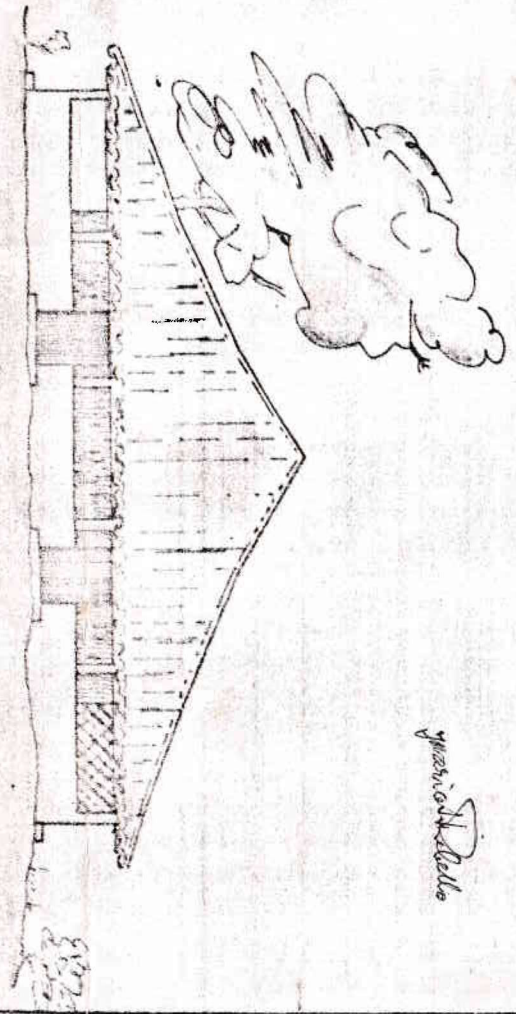
A tiros de pólvora, marreta e alavanca, a rocha foi aberta em um poço largo e fundo, donde jorra permanente e abundante a água de antigo e pequeno "Olho D'água".

Aquela fazenda de gado e de algodão, "Olho D'água", foi núcleo de uma povoação; evoluiu para a cidadezinha cabeça de município independente: - OLHO D'ÁGUA DOS PIRES.

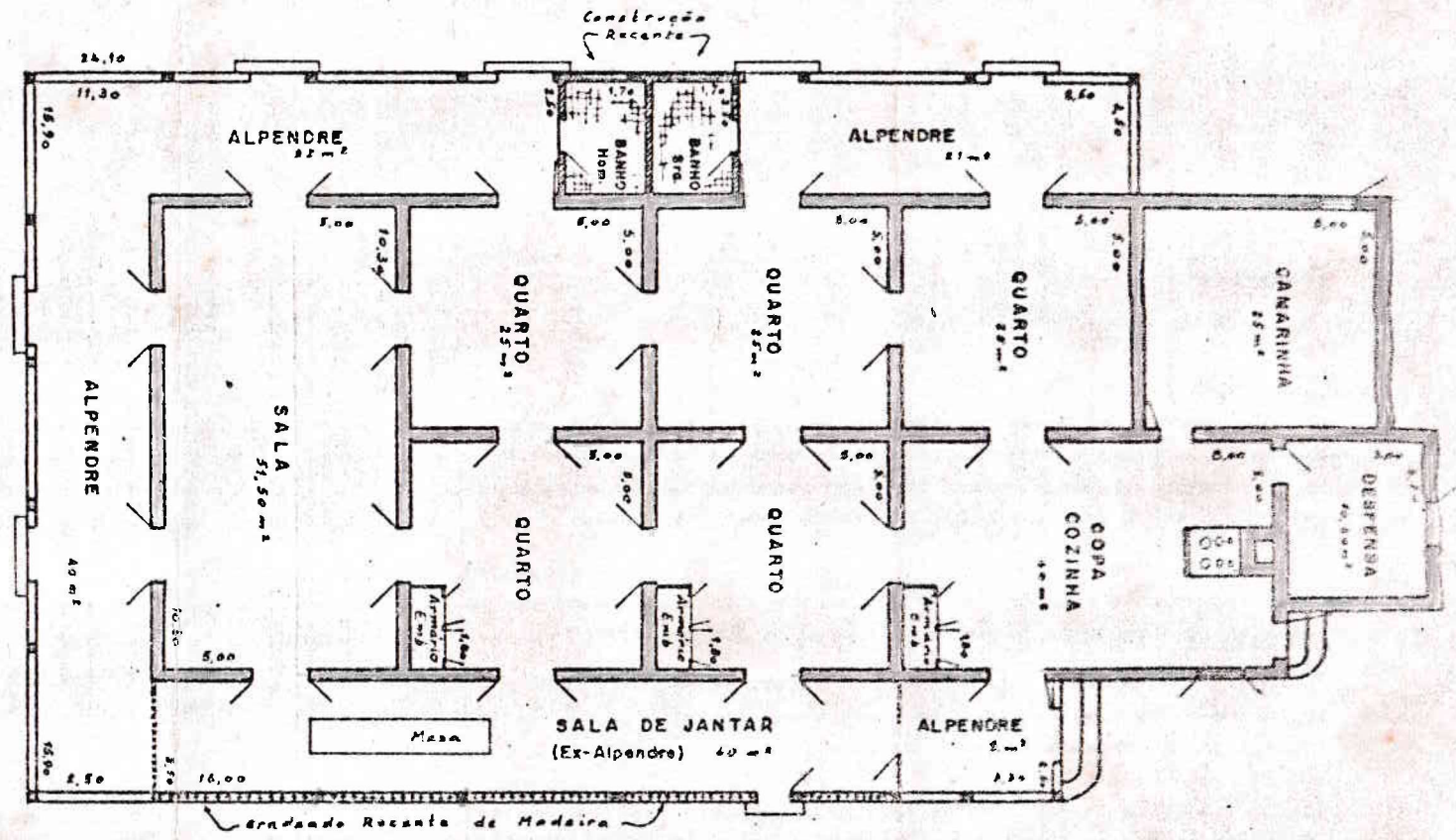
A casa de fazenda sobrevive com quase toda a sua pureza inicial, quando construída pelos Castello Branco e os Pires Ferreira; hoje é um relíquia para os seus descendentes e para o Estado, preservando a cultura arquitetônica do período rural da época do Império.

Parente e amigo Edgardo, 25/07/85
Fiz as modificações prometidas na redação e na planta sobre a casa da fazenda Olho D'água. Pensei que ambas as coisas ficaram melhores.
Com prazer passei-as às suas mãos para o uso que julgar conveniente. Você pode fazer as modificações que entender, ou deixar de usá-las, ao seu bel prazer, sem constrangimento.
Carta-branca para qualquer decisão sua.
Um abraço do Mariotte
Tel (021) 227 5363

FAZENDA COLONIAL - 1845 = 448 m²
 OLHO D'ÁGUA DOS PIRES



Arquiteto: D. Salles



FAZENDA COLONIAL - 1845 = 445 m²

OLHO D'ÁGUA DOS PIRES